

Maria Helena de Moura NEVES *

CARONE, Flávia de Barros — *Morfossintaxe*. São Paulo, Ática, 1986. 109 p. (Série Fundamentos, v. 12).

O livro *Morfossintaxe*, volume 12 da Série Fundamentos, da Editora Ática, a despeito do título, divide-se em duas partes — “Morfologia” (p. 21-45) e “Sintaxe” (p. 46-99) — colocadas entre uma Introdução — “Pressupostos teóricos” — e uma Conclusão.

A Introdução se inicia poética, o que já anuncia o tratamento feito com verdadeiro deleite de um assunto que nos acostumamos a ver como teórico-prático, esquecendo-nos de que, acima de tudo, a linguagem é *poiesis*, é criação.

Quem é que disse que a metalíngua não pode ser poética? É o que nos vem à mente logo na epígrafe de Mário de Andrade que fala da força dominadora das palavras sobre a sensibilidade e que abre o Capítulo 1, exatamente o que nos dá os pressupostos teóricos da obra. A seguir, numa saborosa tentativa de “sentir” as palavras (p. 8), Flávia Carone incursiona por Pedro Nava para chegar ao estabelecimento do conceito de plano de expressão e plano de conteúdo.

Saindo dos pressupostos teóricos e passando à prática do estudo da língua, à técnica de análise, a autora nos acena com João Cabral de Melo Neto e suas palavras-pedras (p. 21) — quem diria? — ilustrativas de uma lição de morfologia.

Na sintaxe, fala-nos a autora também de poetas, que “sabem de tudo — de amor e de sintaxe” (p. 46). O poeta que nos dá lição através de Flávia Carone é Edith Pimentel Pinto. Dela aprendemos que o amor “se insinua nas letras/trama os sintagmas/escala as pautas e nas ameias/instala a bandeira da frase”. A partir daí vem a lição: 1) tece-se uma rede estrutural dos sintagmas, ao mesmo tempo que os sintagmas se amarram entre si, em urdidura gramatical mais alta; 2) a modulação (entonação + ritmo) é componente lingüístico da frase; 3) “sintagmas

* Departamento de Lingüística — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP — 14800 — Araraquara — SP.

estruturalmente organizados e relacionados entre si constituem o material morfosintático que, dotado de modulação adequada, se erige em frase” (p. 47). E, afinal, temos que um poeta nos “disse tudo o que precisávamos saber sobre frase” (p. 44).

O que é importante é que as epígrafes poéticas não são nem “pretextos” — o que, no mínimo, é de mau gosto — nem “apelações” — o que, no mínimo, é de mau-caráter. Elas estão naturais onde estão, porque elas são, na verdade, exemplares ilustrativos de um grande achado da autora: o fazer saber poético dá conta igualmente do prático e do teórico, porque paira acima deles. A linguagem é vida e a vida é *poiesis*, é o fazer das coisas.

Por isso mesmo a obra é didática. Isso, aliás, é o que se pode dizer, acima de tudo, dela. Poucas vezes, por exemplo, se terá apresentado com tanta possibilidade de êxito na compreensão de uma ampla faixa de leitores os conceitos de “plano da expressão”, “plano do conteúdo”, “função”, “substância”, “forma”; e talvez nunca se tenham apresentado com tanta simplicidade termos como *morfema*, *morfe*, *vocábulo*, *lexia*, *sintagma*, *rese*, *dirrema*. Poucas vezes, ainda, se terá procurado estimular indagações e conduzir a soluções de problemas de ensino/aprendizagem da língua materna que surgem em sala de aula.

Tudo isso, entretanto, e nem, ainda, a linguagem fácil, fluente — até “alegre”, diríamos — bastaria para conferir ao livro a importância que, com certeza, tem ele no contexto bibliográfico da Lingüística portuguesa atual. Revela, sobremaneira, a precisão obtida dentro da simplicidade de exposição. E revela, acima de tudo, a coesão interna da obra, que, mostrando aparentemente um simples percurso entre dois níveis de gramática — a morfologia e a sintaxe* —, constrói, entretanto, um edifício teórico, inspirado basicamente em Hjelmslev e Tesnière, em que a metalinguagem dá conta do inter-relacionamento existente entre esses dois níveis, no funcionamento da linguagem.

Completam a obra uma bibliografia comentada, reduzida, é verdade, mas que, dentro de seus propósitos, é bastante orientadora, e um vocabulário crítico bem elaborado, que, entretanto, melhor cumpriria sua função — julgamos — se apresentasse remissões a trechos da obra onde a conceituação se ilustrasse e se operacionalizasse.

Concluindo, o livro *Morfossintaxe*, de Flávia de Barros Carone, pela medida certa entre a generalidade e a especialidade, constitui um indivíduo exemplar de uma série *Fundamentos*.

* A própria autora diz, na p. 10: “Definem-se, em consequência, os limites do caminho que será percorrido neste estudo; em um extremo, o *morfema* (menor unidade significativa); no outro, o *período* (simples ou composto)”.